

RESENHA DO LIVRO “AS DUAS FACES DO GUETO”

João Carlos Batista Morimitsu

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro
geomorimitsu@yahoo.com.br

O livro “As duas faces do gueto”, de Loïc Wacquant, editado pela Boitempo e publicado em 2008, apresenta ao leitor uma análise aprofundada sobre o termo gueto na medida em que trata sobre as novas formas de marginalidade urbana, da divisão étnica e da ação do Estado, tendo como recorte para suas análises algumas metrópoles do primeiro mundo. O livro é composto por nove textos que foram escritos entre os anos de 1992 e 2001, em diferentes situações, e revisados para sua entrada no livro.

No primeiro capítulo, intitulado “Para acabar com o mito das cités-guetos”, Wacquant critica o reducionismo no uso do termo gueto e sua aplicação controversa para a realidade de cidades francesas. Cités-guetos foi o termo utilizado na mídia francesa para se referir a bairros operários em declínio, fazendo referência aos guetos negros estadunidenses, porém sem maiores análises e desconsiderando as especificidades, como se os traços históricos de cada lugar e sociedade pudessem ser apagados. Para explicar que as *cités* francesas não são guetos, o autor remonta à origem da palavra gueto, surgida em Veneza em 1516 e que se referia às áreas onde os judeus eram forçados institucionalmente a se reunir, para a proteção dos cristãos. As cités francesas não têm essas características e, o único gueto com essa configuração de segregação institucionalizada na América é o gueto negro norte-americano.

Ainda no primeiro capítulo vários exemplos que diferenciam os guetos estadunidenses das cités francesas são evidenciados, dentre os quais se destacam a violência no cotidiano e o papel do Estado em cada um dos dois países. No que se refere à qualificação desses aspectos, a França apresenta muito mais pontos positivos do que os Estados Unidos.

“Descivilização e demonização” é o título do segundo capítulo. O capítulo aborda o desenvolvimento do gueto norte-americano à partir dos anos de 1960 e como se deu a deterioração. A descivilização é causada pela retração do Estado e pelo desmoronamento de suas instituições que deveriam primar pelo bem da coletividade. Assim, os problemas enfrentados pelos guetos norte-americanos são advindos de um conjunto de políticas que ao longo dos anos foram deixando as áreas urbanas onde se localizam os negros pobres cada vez mais desprovidas dos serviços básicos e de infraestruturas. Nessas áreas empobrecidas das cidades habitam os *underclass*, ou os subproletariados demonizados. O termo *underclass* designa a população que habita as áreas degradadas das cidades, população esta estigmatizada por sua condição de inferioridade, como assevera o autor. Esse estigma reside existência de um “interesse inconsciente” em exagerar as diferenças entre o subproletariado negro e os demais grupos sociais urbanos. Assim, o termo serve à naturalização da condição social de parcela da população e, em certa medida, justifica a não ação do Estado para com os guetos.

No capítulo três, “Elias no gueto”, o autor aborda a formação do hipergueto. No início desse capítulo o leitor é alertado para o fato de que o gueto não é algo imóvel, fixo em suas características e imutável. Ao contrário, o gueto é móvel, e sua análise deve ser feita levando-se em conta suas formas e conexões. Pautando-se em teorias de Norbert Elias, o autor de “As duas faces do gueto” nos leva a refletir sobre aspectos da vida cotidiana que transitam entre as macroestruturas e as microestruturas. Nesse ínterim, o autor nos mostra como é possível relacionar o medo, a violência e o Estado, na constituição do gueto norte-americano. Apresentando a noção de “despacificação, desertificação e informalização”, Wacquant mostra como o gueto comunitário se tornou um hipergueto, termo utilizado para se referir às comunidades onde se verifica a diminuição da dinâmica do mercado e o abandono do Estado associados à exclusão tanto de classe quanto racial.

Recebido em: 26/11/2018

Aceito para publicação em: 05/02/2019

No capítulo quatro, intitulado "Uma cidade negra dentro da branca", fica claro que o gueto negro, desde sua origem, é uma forma institucional pela qual os brancos mantiveram os descendentes dos negros² isolados e subjugados. O capítulo aborda as mutações que o conceito gueto sofreu ao longo da história, referindo-se em cada momento a realidades específicas, chegando mesmo a diminuir a carga racial que o conceito carrega. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, o conceito voltou a fazer referência à segregação forçada dos negros, sendo que dois fatores contribuíram para isso: o movimento social pelos direitos civis e a dispersão das moradias dos brancos étnicos. Outro ponto importante discutido nesse capítulo é a criação e o fortalecimento de instituições no interior dos guetos. Uma vez que o grupo étnico está em isolamento perante o total da sociedade, formas institucionais se fazem necessárias, e localmente elas são constituídas. Assim surgem no interior dos guetos escolas, hospitais, igrejas e toda outra estrutura necessária à reprodução da vida, por meio da ação da própria comunidade, permitindo também verificar uma consciência étnica racial que leva alguns membros do gueto a participar de forma mais ativa na vida política e no enfrentamento da dominação da população branca.

O capítulo cinco, que leva como título o nome do livro, visa preencher uma lacuna conceitual, tendo em vista que o gueto enquanto um conceito, durante um longo período, teve sua potência reduzida, por ficar bem mais no campo das descrições em detrimento às análises explicativas. Essa crítica elaborada por Wacquant é acompanhada de outras, como a que tece sobre alguns autores da Escola de Chicago, com especial atenção àqueles ligados ao paradigma ecológico, que acabam fazendo confusão ao utilizarem o gueto para se referirem ao cortiço e/ou ao bairro étnico. Em alguns pontos retoma a origem da palavra gueto, já apresentada no primeiro capítulo, sem deixar a leitura menos interessante, e identifica as duas faces do gueto como sendo o controle étnico e o enclausuramento. Desde sua origem, o gueto servia a esse duplo propósito: controlar os grupos étnicos "exóticos" e mantê-los isolados. Expulsá-los não era uma opção, pois a economia dependia de sua presença, assim, era necessário mantê-los por perto, mas separados do restante da sociedade.

Ao longo do texto o leitor é apresentado aos elementos que constituem o gueto, sendo eles o estigma, a coerção, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional. Trata-se de uma estrutura montada ao longo da história do gueto que serve para maximizar os lucros e diminuir o contato. Essa noção está presente na origem dos guetos, que nada tem de natural, como alguns autores buscaram defender. Eles são uma construção social que tem por base relações assimétricas de poder, que inserem na materialidade espacial urbana uma forma de violência coletiva. O autor assevera que existem diferenças entre a pobreza, a segregação e a aglomeração étnica, apresentando algumas especificidades de cada termo e sua relação com o gueto. Finaliza o capítulo indicando que o gueto é uma máquina para produzir identidades maculadas, seja por reafirmar sua condição como tal em relação às áreas vizinhas seja pelo fato de que no gueto existe uma cultura em ebulição que dá orgulho aos seus pertencentes.

No capítulo seis, chamado de "A penalização da miséria e o avanço do neoliberalismo", o autor aborda como tem sido crescente o uso do sistema penal ao passo que políticas de bem estar social têm diminuído sua aplicação. Alguns exemplos são dados pelo autor, que se utiliza das teorias de Pierre Bourdieu, sobre a "mão esquerda e a mão direita" do estado para explicar como se dá a regulação da classe operária. São apresentados nesse capítulo três formas de encarceramento e como elas se encaixam num projeto neoliberal, guiando o leitor a perceber os diferentes reflexos desse projeto em países de primeiro mundo, a exemplo dos Estados Unidos da América e da França.

"Os rejeitados da sociedade de mercado" é o título do capítulo sete. Nele o autor explicita como os doentes mentais e os usuários de drogas pobres e os sem tetos acabam indo parar nas prisões norte-americanas, fazendo os números do encarceramento crescer a cada dia. O que relata é uma verdadeira incoerência nas políticas voltadas para a coletividade, podendo ser exemplificado com o fato de que o sistema prisional têm recebido um número significativo de doentes mentais, sujeitos que deveriam estar recebendo tratamento médico e não ficar atrás das grades. O capítulo em questão trás alguns relatos sobre situações de encarceramento que são bastante assustadores e demonstram o descaso do Estado Social para com o bem estar de seus cidadãos.

No oitavo capítulo, "Quatro estratégias para cortar custos do encarceramento em massa nos Estados Unidos", é apresentado ao leitor o que têm sido feito para que o Estado Penal estadunidense não

² No livro o autor utiliza o termo "descendentes de escravos". Acreditamos ser mais correto utilizar o termo descendentes dos negros, pois "ser escravo" foi uma construção social, uma imposição, e a característica racial é anterior à tal imposição.

perca sua eficiência. As estratégias apontadas pelo título do capítulo são baixar o nível dos serviços e dos padrões de vida nas prisões; utilizar inovações tecnológicas em diversas dimensões do sistema prisional, especialmente com o intuito de vigiar mais detentos com menores gastos; transferir parte dos custos do encarceramento para os prisioneiros e suas famílias; reintroduzir o trabalho não qualificado em massa nas prisões, visando atender algumas empresas específicas que já realizam tal prática. Todavia, a conclusão a que chega o autor nesse capítulo é que nenhuma dessas estratégias será suficiente para estancar a sangria que o sistema prisional tem causado aos cofres públicos.

O autor conclui seu livro com o capítulo intitulado "O pensamento crítico como solvente da doxa". Nele o leitor é convidado a experimentar um pensamento crítico acerca do mundo que habita. O autor escreve sobre a necessidade de refletir sobre a realidade sócio-histórica para podermos avançar em direção à dissolução de pensamentos rasos que permeiam nosso cotidiano. Para isso Wacquant comunga de duas vertentes teóricas e epistemológicas, sendo elas a tradição kantiana e a marxista. O pensamento crítico possui a potencialidade de ampliar os horizontes de ação, á medida que descortina e desnaturaliza contextos sociais como os demonstrados ao longo do livro. O indivíduo que amplia sua capacidade de reflexão sobre seu cotidiano e temas de interesse coletivo, de forma crítica, deixando de lado o senso comum, tem maiores possibilidades de ação perante a realidade, e é com essa ideia que o autor finaliza seu livro.

REFERÊNCIA

WACQUANT, Loïc. As duas faces do gueto. Boitempo Editorial, 2008.